

Langoni quer ação política na negociação *Ainda* com credores *Externo*

Brasília — O economista Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central, afirmou ontem que o Brasil, liderando outros países devedores latino-americanos, deve forçar os banqueiros internacionais, na próxima etapa de renegociação da dívida externa, “com uma ação política, pois as margens para uma negociação puramente técnica já acabaram”.

No seu entendimento, as condições para o reajustamento econômico “têm que ser modificadas. Não é possível que o ajuste recaia apenas sobre os países em desenvolvimento. Tem que ser feito também no sistema financeiro internacional”.

Carlos Langoni — que prestou depoimento na comissão parlamentar de inquérito do Senado Federal que apura as atividades do mercado financeiro — comentou que a capitalização de juros é uma proposta com mudança “não só quantitativas, mas qualitativas, pois desloca o centro de decisão, hoje centralizado nos bancos internacionais, para os países em desenvolvimento”.

O ex-presidente do Banco Central (há exatamente um ano Langoni deixou a instituição) salientou que a renegociação da dívida mexicana teve uma forma convencional e, de certa forma,

decepcionou, pois “não toca na questão de juros, mexendo apenas com prazo. Ela fala em refinanciamento multianual de amortização, mas isso os bancos já aceitam como automático desde o início do processo”.

SET 1984
Incerteza

— Esperávamos que o México fosse o país em condições de quebrar a estrutura que até agora foi utilizada para renegociar a dívida externa. Mas o México não foi muito além”, argumentou Langoni, acrescentando que as negociações multianuais modificariam “de modo substancial os entendimentos entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos. O próprio papel do FMI — que é claramente transitório, passaria a ser mais permanente. São questões extremamente importantes, que teremos de enfrentar numa ação política comum”.

E concluiu: “Não podemos continuar administrando uma economia como a brasileira com tamanho grau de incerteza”, referindo-se às “vicissitudes da política americana”. O ano de 1985 é uma grande interrogação, pois ninguém sabe o que vai acontecer com a economia americana, com o déficit público e com o crescimento”, afirmou.